



A revitalização agradou à população, mas a transformação do tráfego trouxe polêmica

Jornal: Tribuna da Bahia
Data: 20/12/2004
Caderno: Aqui Salvador
Página: 4

Reforma do Largo Dois de Julho divide moradores

Comunidade reclama de modificações na rua, poluição de lago e derrubada de árvore

Daniel Freitas

Os moradores não negam que a reforma do Largo Dois de Julho revitalizou o espaço e ajudou a criar um agradável clima de cidade do interior. Por outro lado, não deixam de notar os aspectos negativos, muitos deles decorrentes de atos de vandalismo. Os alvos de reclamações são muitos, inclusive a água do córrego que passa pelo local. "Esse lago está atraindo muita muriçoca aqui. Não era assim antes", diz Helena Oliveira, moradora do local há 25 anos. A população ainda se mostra temerosa de que a água parada atraia mosquitos vetores de doenças. "Sem falar que uma fonte luminosa não dá certo aqui porque as crianças ficam tomando banho e aprontando horrores. E ninguém pode fazer nada que eles dizem que a gente não é

dono da rua", continua a moradora.

Em vez do lago, Helena Oliveira sugere plantas e pedras decorativas. Há o receio, porém, de que a população acabe furtando os ornamentos, como já fizeram e ainda fazem com as lâmpadas e os vasos de flores utilizados para decorar o largo. A situação já chamou a atenção até mesmo de quem vem de fora, como a professora carioca Ângela Abreu, que vem a Salvador com frequência para visitar um irmão, morador do Largo Dois de Julho. Ela já percebeu, inclusive, que as luzes da fonte, acessório que realçaria o encanto das águas, simplesmente não acendem à noite.

"O lago também está sempre sujo, pois as pessoas jogam lixo, papel e guimba de cigarro na água. A reforma do largo foi muito boa, mas fica parecendo que é coisa para inglês ver", sentencia a pro-

fessora, acrescentando ainda que a grama do jardim está seca em decorrência da falta de manutenção. A moradora Helena Oliveira reclama ainda que não há torneira nos jardins para molhar a grama. "Às vezes, é a gente mesmo que molha. Essa planta aqui mesmo foi o próprio zelador daqui do prédio que molhou", conta ela, apontando para um vaso de flores em frente ao Edifício Góes.

A rua que atravessa o largo também se transformou numa via de mão dupla depois da reforma, o que desagradou a comerciantes e moradores. Quando há caminhões carregando e descarregando mercadorias, particularmente, o trânsito pelo local se torna um caos. Dona há 12 anos da barraca Point do Mingau e moradora do Edifício Góes há três, a vendedora Maria Elza de Oliveira, 48 anos, diz que os caminhões páram bem em frente ao seu ponto-de-venda, im-

pedindo que os fregueses enxerguem o seu negócio. "Já houve até batida aqui por conta dessa confusão". O porteiro Walter Serravalle, 47 anos, e há seis morador do largo, tem a mesma opinião. "A rua é realmente muito estreita e não dá para servir para os dois sentidos. Tem que ser mão única mesmo, como era antes".

Na praça, também há um coreto principal que parece ainda não ter dito a que veio, pois a comunidade não entende porque não há shows sendo realizados ali. "O único evento que foi realizado nesse coreto foi uma feira de São João nos dias 18 e 19 de junho, com direito a quadrilha da terceira idade. E nem juntou muita gente porque não foi muito divulgado. Fora isso, mais nada", conta a vendedora Maria Elza, que tem o seu Point do Mingau ao lado do coreto e mostra estar por dentro das novidades.

Derrubada de árvore causa polêmica

O calor é um assunto que rende por lá, reacendendo uma antiga polêmica – a der-

rubada de uma árvore antiga, um flamboyant, que ficava no meio do largo. Alguns foram contra e outros foram a favor do corte. "Depois que

derrubaram, o largo ficou muito quente, pois perdemos a sombra. Cortaram alegando que a árvore estava podre, mas dava para perceber que não estava", opina a professora Ângela Abreu. Já a vendedora de mingau Maria Elza reconhece que a árvore estava mesmo podre. Sem a árvore, sobrou mais espaço livre para a circulação de pedestres, embora o grande número de crianças andando de bicicleta no antigo lugar do flamboyant esteja causando um certo incômodo.

Cachorros fazendo sujeira na praça, carros estacionados em cima da calçada e a ausência de placas educativas salientando a importância de não pisar a grama geram outras reclamações. As queixas também se referem à falta de segurança no local, principalmente à noite. Ontem, pela manhã, havia dois policiais na praça, mas os moradores contam que não é sempre que eles ficam ali. "Eles estão aí agora, mas depois saem que ninguém mais vê", entrega Maria Elza.

Atos de vandalismo comprometem o novo visual do largo recém-reformado

